

# TEMPOS ESTRANHOS

(Especial para o "Correio do Povo")

27/10/52

HÉLGIO H. TRINDADE GUSTAVO CORÇÃO

Realmente estranhos são os dias que estamos vivendo! Permita-me o leitor começar por essa banalíssima exclamação, que meu bisavô talvez tenha usado por causa de Bonaparte, e meu avô por causa da República. Há sempre na vida e no mundo matéria farta para o espanto. A sabedoria amarga do Eclesiaste queixa-se da exiguidade dos horizontes "sub sole", e da monotonia das horas que nada trazem de substancialmente novo; mas a mesma aspera ciência — observem bem! — emprega um tom de admiração, de espanto, para exprimir seu imenso desconsolo. E' o caso de dizer que a propria monotonia é espantosa, ou que o proprio espanto é rotineiro. A mesma boca aberta dos homens, com um pequeno retoque, tanto serve para o bocejo como para a exclamação.

No caso presente, entretanto, temos mais claros motivos para falar da incongruidade dos dias. Quando menos se esperava, a humanidade inteira suspende seus terrestres cuidados e ergue os olhos para os céus. "Viri galliæ, quid admiramini ascipientes in caelum?" pergunta o anjo aos homens da Galiléia que olhavam para cima. Mas os homens de hoje, não é um Deus elevado que procuram nos céus e não é a esperança de Sua volta que provoca o aplauso das nações.

O que todos procuram nos céus é o satélite artificial. Os jornais estão cheios. As agências, telegraficas, em vez de anunciarem o casamento de algum príncipe ou o divórcio de alguma estrela de Hollywood, transmitem os parâmetros de uma órbita elíptica, as distâncias planetárias e as demais notícias palpantes, colhidas nas camadas rarefeitas da atmosfera. O fato e que os russos atiraram no ar uma bola, e que os americanos, atrasados e nervosos, anunciam as bolas que vão atirar brevemente.

A dignidade das nações se mede agora pelo numero de bolas e pela altura que alcançam. E a dignidade das pessoas se mede pela participação que tomam no grande feito. Você já viu o satélite? Já o ouviu? De todos os recantos do Brasil chegam telegramas que saem nos jornais. "Fulano de Tal, radio-amador de Corumbá, ouviu sinais telegraficos com forma de um T e com a intensidade R-7". E o Fulano de Tal, que teve a boa sorte de ouvir os sinais, sente-se admitido na gloria moscovita, sente-se inserido no grande momento historico, e guarda o recorte do jornal. O Sputnik é o pequenino deus metalico recém nascido no moderno Olimpo. Circunda o orbe e congrega os corações.

A gente não sabe o que mais admira. A mim, o que mais me espanta não é o resultado científico que tem certa logica e que era esperado. O que mais me espanta nesse episodio é a riqueza de tolices que o satélite provocou. Nunca se disse tanta bobagem no mundo, e nunca foi exposta tão nua e crua a frivolidade das nações. Há qualquer coisa de pueril, de quase imbecil, nessa competição de satélites. A Rússia sai na dianteira. E um país inteiro de cento e tantos milhões de habitantes se emocionou, como se tivesse sofrido uma derrota humilhante. Ovíl dizer que os Estados Unidos, por volta do Natal, vão soltar dezesseis satélites. Os Russos, evidentemente, produzirão trinta e dois. Os Americanos sessenta e quatro. E nós, que não temos dinheiro senão para Brasília, contentemo-nos com as especulações, e procuremos investigar o sentido positivo, o conteúdo real da experiencia inaugurada pelos russos.

Não me parece que a verdadeira significação cultural do feito corresponda ao sucesso alcançado. Trata-se mais de uma realização tecnica, em continuidade com o estado atual da cultura, do que de uma das grandes e fecundas descobertas que mudam o rumo da historia. Não me parece também que a dianteira russa possa ser interpretada corretamente como um índice de dianteira geral de cultura tecnica. O feito é mais esportivo do que científico. Ou melhor, o modo de apreciar-lo é que é esportivo. Há muita coisa injusta e pueril nos registros das glorias humanas. Vejamos por exemplo o caso da descoberta de Netuno. Dois astrónomos, ao mesmo tempo, estudaram as perturbações da órbita de Urano, e ambos, o francês e o inglês, determinaram com igual precisão as coordenadas do planeta desconhecido que perturbava o vizinho. Mas o francês, Le Verrier, publicou seus resultados com dias de antecedência. Ficou com a gloria, e o outro com o esquecimento. Eu mesmo, que aqui estou lavrando um protesto contra tal injustiça, já me esqueci também do seu nome.

Mas o fator que mais contribuiu para o sucesso russo foi o quinqueno sofrido pelos americanos. Os dois lados do mundo, cada um a seu modo, estão saboreando a decepção americana. Como muito bem observou o sr. Carlos Lacerda, a proposito da universal impopularidade dos americanos, o principal handicap que pesa no jogo deles é o seu famoso espirito pratico. Os recentes lances da historia provam que não é pratico ser tão pratico, e mostram que a grande nação americana tem um tato especial

para angariar impopularidade, sobretudo nos países que ajudam.

Mas além do ponto marcado contra o orgulho inaque, há outros fatores mais profundos para explicar o sucesso publicitario dos russos. O mundo, como já de sobejo se disse, está vivendo um "tour-nant" da historia. Há nos fenomenos contemporaneos certa semelhança com o que se passou na Renascença. Naquele tempo houve uma brusca expansão do mundo europeu, acompanhada por uma revisão das concepções cosmicas. O homem ganhou mais terras, mas a Terra tornou-se um planeta subalterno. O homem achou-se maior num mundo menor. O paradoxo da nova civilização começava com esses dois termos de exaltação e de humilhação do homem. Quem sabe se não estamos hoje no limiar de um novo expansionismo, agora interplanetario? Será russo ou americano o Colombo da Lua? Outro dia, com a maior seriedade do mundo, o jornal levantava a questão do direito sobre os terrenos da Lua. E eu imagino que algum de nossos dirigentes, o sr. Lupion por exemplo, se tenha alvorçado com a idéia de lotear o antigo e natural satélite.

Há no ar uma efervescencia semelhante, aquela que correu pela Europa nos principios do seculo XVI. Uma civilização esgotada e ressentida procurava um novo dinamismo e reanimava-se com a noticia de lugares paradisíacos onde o ouro andava aos pontapé, e onde os homens viviam nus num estado de inocencia natural. E tão forte foi o fascínio trazido pelos novos mundos que dele não escaparam homens ceticos como Montaigne ou santos como Tomás Morus. Estaremos vivendo hoje um momento analogo? Os foguetes, a discussão sobre as terras da lua, a competição dos satélites, tudo parece marcar o inicio das grandes navegações interplanetárias. Até aqui vai a semelhança. No que concerne às possibilidades da ciencia e da tecnica, registra-se um igual otimismo. Mas cessa a analogia quando se contrapõe às paisagens edenicas da "Terra America" o lugubre vazio dos espaços siderais. Ou então se arma a antitese quando se consideram os rumores que correm sobre os discos voadores vindos de Marte. Colombo, Cabral e Vasco da Gama serão agora marcianos, e nós seremos os índios, os aztecas e os incas. E o satélite russo será uma especie de tacape ou de boomerang para o super-homem de Marte.

Devo declarar que não levo a serio os habitantes de Marte. Mas levo a serio a significação psicologica da lenda que se espalha. Atrás da ficção, a meu ver, há um sentimento de culpa coletivo, um secreto desejo de punição, e uma idéa sinistra de ir buscar fora da Terra o castigo que o mundo merece. Eu mesmo, apesar de prevenido, surpreendi-me, linhas atrás, a desejar que os discos voadores viessem reduzir a pó o satélite sovietico. Caindo em mim, não me foi difficil imaginar a desesperada fraternidade, a inutil e tardia amizade que a todos, a russos e americanos, nos uniria quando comessem a descer em nosso mundo — em nosso querido mundo! — os engenheiros de Marte.

No fundo de todo esse alvorço que enche os jornais, e das fantasias que encham as imaginações, há um estremeamento da alma humana. Um estremeamento que chega à superficie mudado em geofisica e radio-astronomia. A antiga esperança de uma elevação e de um céu, que fazia os gallieus olharem para o alto, aparece transformada em foguete; e o antigo temor e tremor diante de Deus, toma a forma de medo de disco voador. São realmente estranhos os dias que passam!